

Sting, o superstar inglês do rock, escreveu o número de 2 de fevereiro da revista francesa *Actual* uma história cheia de paixão e aventura. É o relato de sua viagem ao Xingu, no mês de novembro de 87, e que parece ter marcado muito a sua vida, num momento de tristeza. Seu pai tinha morrido há uma semana, na Inglaterra, quando entrou no avião com sua mulher, Trudie, o engraçado percussionista Mino Cinelu e um cineasta belga a quem chama apenas de J.P.

Estavam todos excitados com a viagem à Amazônia — e Mino, lembrando certos personagens das aventuras de Júlio Verne, falava estranhamente... Inventou um dialeto — conta Sting — “em que todos os substantivos tornaram-se “ookanoo”, e os adjetivos negativos e afirmativos viraram “ooski”...”

Na expedição do cantor, brilhava também a figura do aventureiro capitão Kelly, que o repórter Sting descreveu com muitos detalhes: “O capitão... ele é feito de dois metros de tatuagem, de colares índios, de um facão, pendurado em um cinturão de serpente, de um par de óculos vermelhos, à Elton John, e de cabelos com um coque, à Herman's Hermits. Tudo isso envolvido por um forte sotaque de Manchester”.

Tratava-se de uma turma bastante incomum que iria aterrissar no território indígena!

Sting conta que olhou deslumbrado o cenário que corria abaixo do aviãozinho. “O deserto aparece ao lado do muro abrupto de uma gigantesca floresta. São dois planetas, um contra o outro. O mundo da morte e da devastação, diante da beleza verde e da vida exuberante.”

O cineasta belga explicou que aquele território indígena era do tamanho da Bélgica. E que patrulhas índias vigiavam algumas estradas, assim tornadas perigosas. Aparecia, agora, o “círculo perfeito” das choças indígenas, erguidas “no caos da selva”. O inglês ficou pensando no choque das culturas quando viu o campinho de futebol, e uns índios que se aproximavam do avião já pousado... em bicicletas. — Bicicletas!

É mais do que um inglês, mesmo superstar do rock, pode imaginar. Alguns índios vestiam calções de futebol. Futebol, uma paixão indígena! “As aldeias jogam umas contra as outras”, ensinou o cineasta belga... E os meninos índios riram tanto quando todos os brancos foram tomar banho no rio. Sting morria de medo. E se as piranhas os assaltassem? Estava nosso inglês envolvido em tais pensamentos quando surgiu uma figura nas margens do rio... O índio lhe apareceu como um perfeito ser das selvas. Seus cabelos caíam até a cintura. Ornava-se com um colar muito grande, possivelmente para alguma cerimônia. Vestia calças Levis. Parecia um sábio. Era impressionante. Era o seu anfitrião. O chefe Kaiapó. O grande guerreiro Raoni.

Raoni quis levar os visitantes até o chefe Sratana, da aldeia dos Ilanalaptis, ali perto. Dois guerreiros Kaiapó seguiam ao lado do grande chefe, quando avançavam mato afora.

“Impossível, penetrando no círculo das casas, não se sentir um personagem de *Jornada nas Estrelas* desembarcando em um novo planeta. O círculo é deserto. O ruído da cerimônia vem de uma casa, à nossa direita. Eu não teria falado, antes de vir aqui, de ‘grandeza’, a propósito de uma aldeia indígena. Mas ‘grandeza’ é a palavra que me vem ao espírito para descrever a dignidade de sua arquitetura. Suas casas não dominam a floresta nem se deixam dominar por ela. Não há desordem nem nada que seja sórdido. Há algo melhor a ‘medida certa’, uma relação de equilíbrio com a natureza”.

A alturas tantas, um grito se ouviu. Era o também grande chefe Aratana. Fez-se festa na aldeia! Raoni contemplava a cena com orgulho. E fumava um “cigarro do Xingu”. Quando a lua apareceu, Trudie teve de abandonar a cerimônia que se armava, proibida para mulheres. Apareceram, em troca, três flautas.

Sting sentiu sensações estranhas. “A música me fez decolar, tal uma droga. Ela é intensa, hipnótica. Eu me sinto em casa, abaixo da lua e das estrelas, na espessura da floresta, ninado pelo sussurro das flautas; e a cidade me parece um fardo absurdo.”

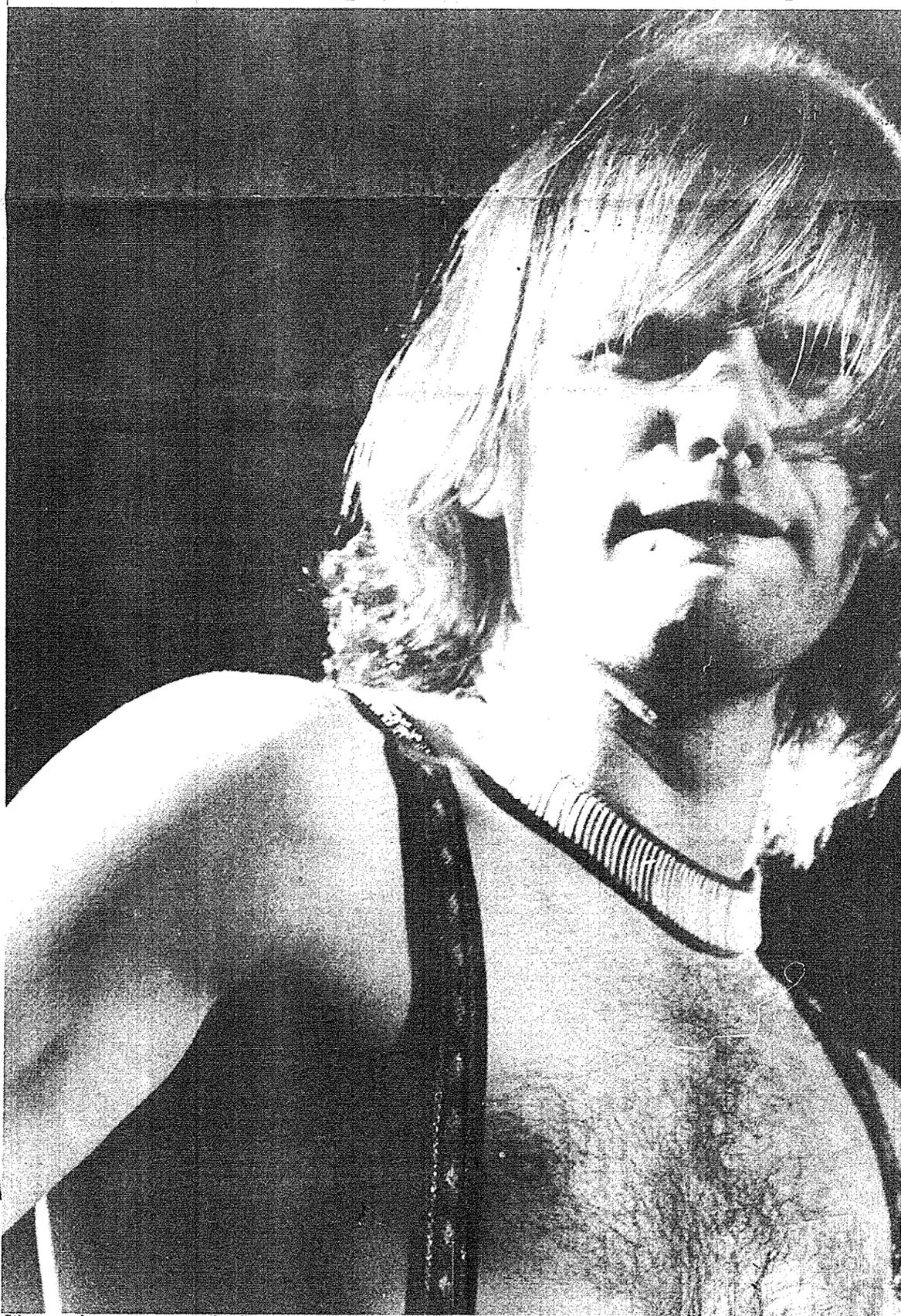
Raoni acompanhava a música, com muito ritmo. Sting ficou pensando em quem estaria ali. Era um índio. Tinha porte de rei. E aquela sensação de poder... Ah! Não seria Bob Marley?

Geral

AMBIENTE

“Não foi o nobre selvagem que eu vi lá, mas a própria nobreza da espécie humana.” Assim o astro do rock relata para uma revista francesa sua visita ao Xingu.

Sting, o repórter. Seu tema: a Amazônia.



Sting num de seus concertos no Brasil: com o colar indígena.

Quem descobriu a tristeza de Sting foi um índio. Seu nome é Megaron, um primo de Sratana. Mais tarde ele se confessou, porque estava triste, sim. Toda hora, nessa viagem ao Brasil, seu pai lhe aparecia. Apareceu no concerto do Maracanã. Apareceu no meio da selva. O pai lhe fazia falta...

Mais tarde, Sting encontrou outro índio chamado Tacuma. Tinha setenta e dois anos e corpo de jovem; seu olhar trazia aquela luz especial que só vem dos olhos sábios. Era um feiticeiro e Sting pensava, vendo esse homem, naquela cena de “Apocalypse Now”, em que Martin Sheer encontra Marlon Brando.

“Nós nos inclinamos diante da antiga história, nós somos da idade da pedra; e esse fogo queima há milhões de anos. Eu olho Tacuma. Os dois guerreiros são seus filhos. A tristeza me toma; meu pai me falta. Há uma semana, morreu de câncer. Quando eu fui vê-lo no hospital achei que estava enganado. Eu não o reconheci, tanto a doença o tinha mudado.”

Chovia. A choça de Tacuma parecia a Arca de Noé. Tacuma se pôs a falar. “A grande floresta da chuva morrerá e os índios também. Haverá sofrimento, cólera e sangue derramado, e a vergonha. A terra está em grande perigo. Nós seremos órfãos, sem casa, e perdidos no caos da tempestade.”

Ele sentiria a mesma insegurança quando um círculo de índios se organizaria em torno dele e do percussionista Mino. Era seu primeiro concerto na Amazônia. Cantou, então, uma canção sobre a fragilidade da carne humana: “Blood will flow when flesh and steel are one”. Os índios gostariam? Amariam? Uma mulher índia sorriu. Um índio apareceu com uma câmera na mão. “Ainda ironia do choque das culturas. Esse material foi deixado aqui por uma turma da BBC.”

Depois, os índios quiseram pintar uma serpente no corpo de Sting, e sobre suas costas. Ele ficou todo lambuzado de tinta vermelha. Era uma *Suruccu* — assim escreveu em sua reportagem — uma verdadeira *Suruccu*, que faz o homem enfrentar melhor todos os perigos.

Trudie disse que ele parecia um fogo de artifício.

Raoni lhe disse, em eloquente discurso, que o branco tinha roubado a selva dos índios e a destruído. Sting lhe respondeu que o branco tinha se perdido em um mundo que não entende... “Deixou de se comunicar com os espíritos da terra, da floresta, do rio e do ar... Então, ele está só, muito só. Eu não sou um político, mas um cantor, e muitas pessoas me escutam. Prometo que cada vez que puder falar por vocês, eu o farei. Contarei a todo o mundo vossa história, porque vocês são os únicos protetores da floresta, e a floresta morre, a terra morre com ela. É isso que um branco pode compreender.”

A aventura do inglês não terminou sem uma aranha horrenda, que passou pelas suas costas, como se fosse um filme de tevê, uma história do próprio James Bond... e de uma serpente. — A serpente primeiro tinha aparecido num sonho de Trudie. — Depois, ali estava ela, na choça. — Uma serpente mortal, que os índios dominaram, mas que disseram que só tinha vindo até ali porque Sting tinha uma irmã *Suruccu* pintada em seu corpo.

Sete da manhã, ele e Mino foram ao rio se desembaraçar das pinturas indígenas. Mas agora a serpente estava no corpo dos artistas. Já se viam viajar para uma cidade bem longe, Porto Alegre, Sul do Brasil. Seria também o fim da reportagem que Sting escreveu para a *Actual* francesa — uma revista que gosta de histórias do mundo. Como um inglês, e um moralista, concluiu com uma reflexão filosófica... “Não foi o nobre selvagem que eu vi lá, mas a própria nobreza da espécie humana. Eles restauraram em mim a fé no homem, apesar de toda a merda do mundo. Nós, os ocidentais, estamos andando para trás porque esquecemos nosso verdadeiro potencial. O Xingu pode nos ajudar e nos lembrar quem somos verdadeiramente; é preciso ajudá-lo a sobreviver.”

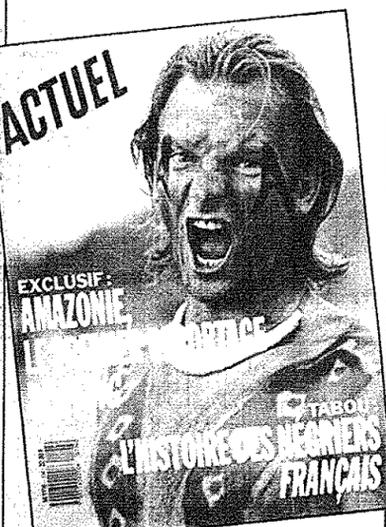
Já no avião, como heróis de Verne, fizeram saudações.

- A Raonil
- A *Suruccu* Jaca da Pico!
- A aranha!
- E à pantera!
- E à floresta da chuva!
- Ooskil!”

(Marcos Faerman)



Raoni, na foto do alto, explica a Sting a ameaça ao ambiente amazônico. Na outra foto: o astro entre as crianças.



O astro na capa da revista: estréia na reportagem com uma expedição marcante.